



**Coletânea sobre
Sororidade
Autocrítica ou
sobre violência
entre feministas**

herética edições lesbofeministas independentes

“Não comece rumores sobre outra mulher. Se você ouvir um rumor, não o repasse adiante. Deixe que fique com você... Não é muito legal punir e sabotar outra mulher que você inveja ou teme caluniando ela ou tornando outras mulheres contra ela”

Phyllis Chesler



"Old Dukes Gather" by Frances Foraine

Uma discussão sobre o problema da Hostilidade Horizontal, Denise Thompsonpg.01
Trashing: O lado feio da Sororidade, Jo Freemanpg.13
Autocritica Feminista, Norma Mongrovejopg.23
Guia de Assemblearismo para feministas esquentadas, confabulandopg.29
Segredos, Chantagens e Rumores... Os Preconceitos. Margarita Pisanopg.31
Como avacalharpg.35
Dicas para Construir a Sororidadepg.38

Uma discussão sobre o problema da Hostilidade Horizontal

por Denise Thompson

- Novembro 2003

Este artigo não foi oferecido para publicação ou apresentado verbalmente. Foi escrito em resposta ao pedido de uma amiga sobre minhas próprias idéias sobre a hostilidade horizontal, em um momento em que ela sentia a si mesma lutando com o tipo de coisas discutidas aqui. Eu sei quando terminei de escrever – março de 1993 – porque eu pôs data.

O termo, 'hostilidade horizontal', foi cunhada por Florynce Kennedy, em seu artigo de 1970, 'Opressão Institucionalizada vs. a Fêmea', impresso na antologia editada por Robin Morgan, "Sisterhood is Powerful" ("A Sororidade é Poderosa"[1], Penelope, 1992: 60). É um termo que data bem desde o começo da Liberação das Mulheres (seja em US ou onde quer que seu artigo haja sido lido). E se o nome é tão velho quanto a Liberação das Mulheres, o problema é ao menos tão velho, senão mais velho que este.

A Hostilidade Horizontal é uma forma de poder-como-dominação entre e em meio às mulheres. Por isso o melhor contexto a discutir isso é em termos de relações de poder entre mulheres.

O projeto feminista de identificar e desafiar a dominação masculina não significa que somente homens oprimem mulheres, e que mulheres são automaticamente isentas de valores, atitudes e comportamentos supremacistas masculinos, e nunca se comportem mal com outras mulheres. É importante manter em mente o principal inimigo, isto é, a dominação masculina. Mas pelo fato de que a opressão é institucionalizada, e porque ela constitui o status quo e supostamente ao mundo, é sempre muito fácil cair em maneiras impensadas de comportar-se que reforçam padrões de dominação.

De qualquer maneira, porque as mulheres são subordinadas e os homens são dominantes sob condições de supremacia masculina, os padrões de dominação típicos das mulheres são sistematicamente diferentes daqueles de homens, ou seja: são menos diretos,

dissimulados, menos visíveis e ativos. O comportamento feminino que reproduz sentidos e valores supremacistas masculinos vai tender também a dar evidência da posição subordinada desde a qual as mulheres estão atuando, muito embora as ações mesmas envolvam auto-agrandecimento às expensas de outra. Por isso hostilidade horizontal entre e em meio a mulheres tipicamente envolve formas de poder-sobre que vêm desde uma posição de debilidade, não de força.

Hostilidade Horizontal pode envolver bullying para submeter alguém que não é mais privilegiada em uma hierarquia das relações sociais supremacistas masculinas antes que aquela¹ que acoessa. Pode envolver tentativas de destruir a boa reputação de alguém que tem mais acesso aos níveis mais elevados de poder que aquela que está espalhando o escândalo. Pode envolver tornar alguém responsável da opressão de outra pessoa, mesmo que ela também seja oprimida. Pode envolver demandas invejosas de que outra mulher pare de usar suas próprias habilidades, porque o sucesso de alguém melhor colocado que você mesma 'faz' você se sentir inadequada e sem valor. Ou pode envolver tentativas de silenciar criticismo por atacar aquela percebida como fazendo o criticismo. Em termos gerais, envolve percepções confundidas da fonte da dominação, localizando esta em mulheres que não estão comportando-se opressivamente (na medida de que não estão, claro). E isso é inspirado por ódio, aquela primeira força motivadora que mantém o motor da supremacia masculina rodando.

Florynce Kennedy foi direto ao coração da questão quando ela colocou sua discussão da hostilidade horizontal no contexto de consentir na opressão de uma mesma. Ela não estava argumentando que esse 'consentimento' era a causa da opressão. Muito embora ela dissesse que "não pode haver um sistema realmente tão pervasivo de opressão, como aquele dos Estados Unidos, sem o consentimento d* oprimid*" (p.492), ela não queria dizer que se parássemos de consentir o mesmo simplesmente desapareceria. Mulheres não

1 Vou colocar tudo no feminino neste texto quando se referir a um genérico, embora a hostilidade horizontal se dê entre 'oprimidos', porque o texto se refere às comunidades feministas, e por um exercício de nos colocarmos como ponto de referência e pensar-nos unicamente entre nosotras, principalmente poder visualizar-nos como agressoras já que os discursos feministas correntes nos visibilizam como sofredoras de violência, coisa que penso estar muito relacionada também ao fato de não podermos visibilizar quando somos vítimas entre companheiras já que estamos acostumadas a ver-nos somente como vítimas. [nota da tradução]

consentem estupro, por exemplo, mas isso não há marcadamente diminuído sua ocorrência. Ela estava consciente de que mulheres não eram responsáveis por sua própria subordinação. Ela porém quis apontar que aquela opressão não era somente coagida ou violentamente forçada, mas que uma ordem social opressiva requeria um certo degrau de cumplicidade para sua continuada existência.

A cumplicidade requerida de nós sob condições de supremacia masculina é cumplicidade na ideologia da debilidade feminina. Mulheres devem ser 'fracas' para que então homens possam ser 'fortes'. A força de homens é adquirida às expensas das mulheres. Esse requerimento ideológico da fraqueza feminina não vá incontestada mesmo sob as condições do dia-a-dia da realidade falocrática.

Mulheres constantemente resistem a subordinação à homens de maneira a sacar alguma liberdade de ação e influencia própria. Maneiras convencionais de resistir, porém, reforçam antes de desafiar o status quo. Derrotar o opressor em seu próprio jogo, por exemplo, deixa as regras do mesmo intactas, mesmo quando uma mulher ocupa a posição mais alta na hierarquia. As perspicácias e seduções femininas inflam o ego masculino ao mesmo tempo em que elas conferem as mulheres benefícios a curto-prazo. Lágrimas e tantras, ou frieza e afastamento, podem fazer ele ser mantido sob controle temporariamente, mas ele usualmente possui algum lugar mais para ir uma vez que o mundo é construído em sua própria imagem e semelhança. Mesmo quando uma mulher individual maneja derrotar um homem individual ou homens, o que surge não é um relacionamento de igualdade. O papel da mulher 'dominadora' é permitido por dentro da forma falocrática de vida, seja como uma maneira de intimidar mulheres a subordinação – a 'vadia', a 'histérica', a 'enchedora de saco', a 'fêmea castradora' – ou como uma forma de erotizar culpa masculina, por exemplo a 'dominatrix' no encontro sexual sadomasoquista. Paradoxalmente a ideologia da fraqueza feminina requer uma grande quantidade de violência para ser mantida. Hostilidade Horizontal é o uso em meio às mulheres dessas técnicas desenvolvidas no contexto de resistência ao poder masculino. A intenção é induzir a submissão a outra que é percebida como enormemente poderosa, enquanto que, ao mesmo tempo, reforçar a idéia de que mulheres não podem ter poder.

Kennedy mencionava como 'mulheres sendo utilizadas como agentes para opressores' (p.493), mas sua discussão sobre hostilidade horizontal, que ela também chamava como

'descarte' [2], era tentadoramente breve. Ela não dava exemplos da ocorrência disso entre feministas. Ela tinha mais a dizer sobre o controle do self, que sobre as maneiras nas quais tentamos controlar umas às outras. 'Mulher', ela diz, 'em sua condição consensual cabeçalhada frequentemente atuam fora de seu papel de mãe rondante sem nenhuma pressão notada de ninguém. Observe 'notada' (p. 494). Ela, de qualquer forma, se referia à parte jogada pela 'hostilidade horizontal' na 'demolição ... de alguns grupos políticos radicais, e é triste dizer, alguns grupos de liberação de mulheres' (p.495). Ela segue adiante para dizer que isso é parte das 'Técnicas de dividir-e-conquistar do Establishment':

“Pessoas oprimidas são frequentemente bem opressivas quando primeiramente liberadas. E porque não deveriam ser? Elas sabem bem ambas posições. A bota de alguém no seu pescoço ou a bota del*s no pescoço de alguém... mesmo se est*s se agrupam juntos na atmosfera fria, úmida da sua recém descoberta libertação... mulheres... muitas vezes se chocam umas com as outras antes de aprender a compartilhar e disfrutar sua recém descoberta liberdade (pp. 495-6).”

Suas sugestões sugeridas são também breve e não-elaboradas. Ela diz:

“Para evitar esses efeitos destrutivos da hostilidade horizontal, as mulheres necessitam um despertar político e/ou social da patologia do oprimido quando confrontadas pelos expertos do 'dividir-e-conquistar'” (p.495).

Ela também sugere abster-nos de enfuriar-nos com individualidades, e ao invés disso, dirigir nossa raiva a alvos mais apropriados, isto é, sistemas e instituições ao invés de pessoas.

“Chutar o balde” – ela diz, “deveria ser apenas para onde há um balde protegendo o Sistema” (p.499). Esse comentário mostra que ela estava consciente que suas soluções sugeridas eram menos que perfeitas, uma vez que as instituições funcionam por meio de ações, atitudes e compromisso de individualidades. Contudo, suas recomendações servem como um alerta para nós para manter em mente o inimigo principal. E a despeito da brevidade de sua explicação, está claro que ela considerava a hostilidade horizontal como uma forma de 'poder sobre' recriado por mulheres contra mulheres, e que essa invariabilidade servia aos interesses do opressor e trabalhava contra os interesses das mulheres. Neste sentido, era uma re-elaboração dos padrões de comportamento dominantes adquiridos como um resultado da participação na realidade falocrática. Julia Penelope está de acordo substancial com Florynce Kennedy. Ela também vê isso

como uma forma de consentimento para opressão. Ela se refere a isso como ‘opressão internalizada’, e descreve como:

“Hostilidade Horizontal é o melhor método do heteropatriarcado para nos manter em ‘nossos devidos lugares’; nós fazemos o trabalho dos homens e suas instituições por eles... (...) nos faz direcionar nossa raiva – que surge de nosso estatuto marginal e subordinado no heteropatriarcado e que deveria ser dirigida à nossos opressores – à outras Lésbicas e mulheres, porque sabemos que é mais seguro... (...) funciona para garantir nossa continuada vitimização dentro dos nossos próprios grupos, e nos mantêm silenciadas quando a maioria queremos falar; nos mantêm passivas quando a maioria quer desafiar, porque não queremos ser o alvo da raiva de outra Lésbica.” (Penelope, 1992: 60).

Insultos

Uma das formas de hostilidade horizontal discutidas por Penelope é o ‘chamar de nomes’. Ela diz que o insulto é ‘um substituto medíocre à análise reflexiva’ (p65). Ela pontua que o chamar alguém de algo é fácil. Fácil de fazer, fácil de acreditar e fácil de lembrar, porque, como ela diz, ‘requere absolutamente nenhuma reflexão, nenhuma análise, e nenhuma justificação’ (p.69). Rotular outros com nomes como ‘Nazi’, ‘facista’, ‘racista’, ‘etarista’, ‘classista’, ‘polícia sexual’ [3], ‘puritanas’, ‘moralistas’, etc. é também perigoso se é bem sucedido em conseguir o que isso pretende, isto é, intimidar aquelas etiquetadas em silêncio e parar qualquer desafio ou debate. Aquelas que acreditam que estes nomes dizem algo certo sobre aquelas que foram rotuladas, sem pensar sobre o que essas palavras significam, ou sem perguntar por substância ou evidência, também participam em hostilidade horizontal, mesmo se estas pessoas não são as originais rotuladoras. O xingamento busca destruir a boa reputação daquelas pessoas rotuladas, controlar seus pensamentos e ações, e aterrorizar elas ao silêncio. Trivializa os verdadeiros horrores do facismo, racismo, opressão classista e supremacia masculina, e diminui as agonias daquelas e aqueles que hajam sofrido mais sob esses regimes. Embaça distinções importantes entre, por um lado, aquel*s que, como supremacistas brancos, neo-Nazis, ideólogos supremacistas masculinos, violadores, etc., que advogam, glorificam e praticam violência e comportamento desumanizante sobre aquel*s que estes definem como

‘inferiores’, e aquelas de nós que, por outro lado, podem reter atitudes racistas, etc., atitudes a despeito as nossas melhores intenções. E estabelece distinções preconceituosas entre nós mesmas por meio de enfatizar aquelas opressões que nos dividem, às expensas de e para a exclusão da opressão que temos em comum como mulheres e lésbicas.

Sentimentos não são o suficiente

Outro tipo de hostilidade horizontal que Penelope discute é o uso de ‘declarações psicológicas’ (psych-predicates). Essas são formas de uso de linguagem que descrevem como nos sentimos sobre e reacionamos às demais, de uma maneira que atribui uma fonte desses sentimentos a alguém. Dizer de alguém que ela é ‘intimidante’ por exemplo, Penelope diz, ‘requere a experiência do sentimento específico nomeado pelo verbo para descrever a ela mesma como um objeto a ser atuado sobre pelo comportamento ou atitude de alguém’ (p. 73). O uso de predicados psicológicos permite àquela que o diz a evitar responsabilidade pelos seus sentimentos, e pôr essa responsabilidade em alguém. Também permite atribuir intenções à suposta ‘intimidadora’ que esta pode não ter, e acusar ela do desejo de dominar que ela pode não querer, e assertar que a visão daquela que denuncia como a única interpretação possível. Falar sobre este processo em termos de uso de linguagem, Penelope diz, não é negar a realidade de nossos sentimentos. É, ao invés disso, alertar-nos de que é sempre fácil culpar a outras e acusar falsamente – a linguagem é construída para isso. Penelope comenta de que o uso de tal linguagem ‘mantém a ficção heteropatriarcal de que somos emocionalmente dependentes’ (ibid.). Eu acrescentaria que isso também reforça a crença de que somos fracas e desprotegidas e completamente à mercê de outros todo-poderosos. Porque tal desproteção tende a ser defendida, tendemos a atacar de maneira a aniquilar aquelas que percebemos como a fonte dessa sensação. É esse senso de desproteção que é a verdadeira fonte da hostilidade horizontal. Isso é sugerido por algo que Vera Ray diz em seu artigo ‘Uma investigação da Violência em relações diádicas Lésbicas’. (Ray, 1991). Ela diz que, muito embora haja similitudes entre o abuso de mulheres por homens em relações heterossexuais e a violência em relações lésbicas, há uma diferença crucial. Onde o homem usa violência para manter e reforçar sua dominação na relação, a agressora

lésbica usa violência para 'equalizar' o que ela percebe como um desbalance de poder. Ela percebe a ela mesma como 'fraca' e sua parceira como 'forte', e ela a ataca de maneira a demolir aquela 'força' que ela (erroneamente) sente que é a fonte de sua própria 'fraqueza'. Isso não excusa a violência, como aponta Vera. Ninguém 'merece' ser agredida. Mas isso indica que a violência entre mulheres origina-se na debilidade e não na força. Como Vera coloca, nesta instância mulheres 'são corrompidas por um senso de falta de poder' (p.46). A mesma observação foi feita por Joanna Russ em seu artigo 'Poder e Vulnerabilidade no Movimento de Mulheres' (Russ, 1985). Neste artigo, Russ critica o que ela chama 'o grande Imperativo Feminino', a expectativa de que 'mulheres são supostas fazer as outras pessoas sentirem-se bem, a suprir a necessidades de outres sem ter nenhuma necessidade própria' (p.43). Ela descreve com este imperativo é enforçado nas mulheres por outras mulheres por meios de síndrome de "Mãe Mágica/Irmã temblante". Uma 'Irmã temblante' (IT), ela diz, é uma mulher que abraçou sua própria indefensidade e inefectividade de maneira a evitar a culpa servicial de satisfazer suas próprias necessidades, exercitando suas próprias habilidades, e alcançando seu próprio sucesso. Uma IT elevada ao status de 'Mãe Mágica' (MM) qualquer mulher que alcançou algo que ela mesma foi incapaz de alcançar. Ela culpa a MM pelos maus sentimentos que ela tem sobre sua própria falta de conquistas, e procede para demandar que a MM tome conta dos sentimentos feridos (da TS), e tome conta dela. Uma vez que isso é impossível, a IT se torna enfurecida e 'lincha' a MM. A MM, que a esse ponto pode haver estado inconsciente de seu status 'mágico', cai na cilada ela aceita a visão da IT. Ela se torna uma MM por meio de reacionar com culpa, por tentar abrandar os sentimentos feridos, por desculpar-se por desprezar seus próprios ganhos, empreendendo-se em ajustar tudo e fazer todo mundo se sentir bem. Dada a impossibilidade disso, sua resposta atual é medo e paralisia face aos permanentes gritos de raiva da IT.

Russ sugere que o caminho para fora do círculo vicioso de culpa, auto-recriminação e paralisia para as mulheres é reclamar nossas próprias conquistas e valor próprio. A IT precisa dar-se conta que, embora seus sentimentos de desolação podem ser resultado de relações de poder fora do seu controle, eles também podem não ser. Ela precisa aprender que ela retém sua própria agência moral mesmo sobre condições de opressão (usar o conceito desenvolvido por Sarah Hoagland-Hoagland, 1988), e que há ainda algumas

coisas que ela pode fazer, que ela ainda tem alguma responsabilidade, mesmo que sua liberdade de ação é constrangida por condições objetivas.

Ela precisa aprender que atribuir enormes quantidades de poder a outra mulher é uma ilusão, assim também é seu sentido de que ela mesma é completamente desamparada. E ela precisa aprender que o oprimido também pode ser opressivo. Não apenas pode a oprimida partilhar, ainda que minimamente, dos estatus e privilégios dos dominantes às expensas de outros oprimidos, mas também oprimidos também possuem maneiras de manipular os dominantes. A IT precisa proteger-se usando essas técnicas contra outras mulheres, técnicas de dissimulação vitimista, de birras, de demandas de que alguém resolva seus problemas para ela, e considere seus sentimentos feridos à exclusão de seus próprios projetos.

A MM, por outro lado, precisa aprender que ela não é infinitamente disponível, incomensuravelmente suportiva, eternamente paciente, ou seja, que ela não é a 'mamãe' de ninguém (no sentido supremacista masculino de absoluto auto-sacrifício). Ela também precisa aprender que, como Russ coloca, 'sentimentos de culpa não automaticamente significam que ela está para ser culpada de tudo, ou mesmo de qualquer coisa que seja, e deve portanto fazer reparação por meio de colocar tudo em ordem. A culpa é tão endêmica na população feminina, e funciona tão sistemicamente para manter mulheres a serviço dos homens, que ela pode simplesmente ter mudado para o seu partilhamento do padrão generalizado. Neste caso, desde que não há nada para corrigir, ela deve simplesmente lidar com os sentimentos de culpa até eles irem embora.

Como reconhecer Hostilidade Horizontal

É importante distinguir entre hostilidade horizontal e criticismo genuíno, porque o criticismo é geralmente confundido com hostilidade. Enquanto que o criticismo infundado é destrutivo e paralisante, o criticismo é ainda assim necessário se o feminismo está para continuar crescendo e se desenvolvendo e mantendo-se relevante, e não degenerar-se em um dogma papagaiaante. Enquanto o feminismo necessita criticismo, ele não precisa o terrorismo irracional da hostilidade horizontal. Enquanto ambos podem se sentir daninhos e

humilhantes, a hostilidade horizontal é duramente cruel, não tem outra motivação que não seja a de machucar. É uma cega castiçação e criação de bode expiatórias daquelas que estão acessíveis porque elas não são tão diferentes em poder e privilégio. Criticismo, por outro lado, não possui a intencionalidade de ferir, mas de remover as névoas e desmascarar a verdade da questão. É considerado e considerante. Envolve um intento genuíno de trabalhar o que está indo, e mostra consideração pela outra por meio de não ser deliberadamente e cruelmente ingentil. Assim que possível, é caracterizado por uma discussão considerada, bem pensada e substancial.

Mesmo que isso não seja sempre possível, especialmente no calor do momento, o criticismo é até o último momento sincero nas questões que coloca. Não é uma competição sobre quem esta certa e quem está errada, sobre quem vence e quem perde. Ao invés disso, o criticismo está preocupado em desvendar a verdade, e está oposto à mentiras, segredos e silêncios, trapaças e rumores sem substância. Não é necessário ter tudo ordenadamente trabalhado antes de expressar dúvidas. Mas é vital perguntar para saber e avaliar as reações de uma própria. É importante perguntar a si mesma questões como: Estou sentindo-me ameaçada pelo que ela está dizendo? E se for, por quê? Estou justificada em sentir-me incômoda? Qual é a fonte de meu desconforto? Há suficientes evidências? etc.

Algumas vezes as questões vão ter respostas imediatas. Mas reservar julgamentos é também uma forma de criticismo, e uma maneira de recusar-se a engajar em hostilidade horizontal.

Enquanto criticismo é caracterizado por uma busca cuidadosa do sentido do que está sendo dito, a hostilidade horizontal é sem sentido, porque a informação contida em um nome indecente é tão esparsa. Quê significa, por exemplo, chamar a outra feminista de 'racista' ou 'classista' ou 'fascista', sem ir além em justificar isso e dar razões? A palavra 'facista' tem algum significado aplicado a outra mulher, dada a história do Facismo e os males perpretados sob sua influência? A acusadora deve estar clara de sua própria mente sobre o significado dos termos que ela aplica a outra mulher, e a forma particular ou as formas nas quais a acusada foi ofendida. É melhor permanecer em silêncio, que ganhar uma vitória fácil sobre outra mulher que provavelmente já tem um vasto estoque de culpa

generalizada pela acusação para acionar.

Deve ser assumido que essas recomendações são relevantes não somente para aquelas com treinamento em pensar, argumentar e raciocinar, isto é, aquelas com educação terciária. Mas podemos todas pensar. Não é uma técnica confinada às instituições do 'alto saber'. Todas podemos também saber nossas próprias mentes. Podemos todas separar verdade de falsidade, o inimigável do amigável, o que é meramente confuso ou ignorante daquilo que é deliberadamente errado. Um bom argumento não é necessariamente um sofisticado e largo. Todas podemos dar razões pelo que fazemos, mesmo se não estamos inicialmente conscientes das razões e que tome algum tempo para encontrá-las. E todas somos capazes de entender que cometemos erros, reconhecendo eles e aprendendo deles. Todas somos capazes de decidir se há ou não suficiente evidência, e de reservar julgamento até que possamos fazer uma que seja informada. Todas somos capazes de substanciar o que falamos, e de confirmar nossas asserções com as evidências. Também somos capazes de respeitar a boa reputação de cada uma. E somos todas capazes de examinar nossos próprios motivos.

Longe de ser o caso de que essas habilidades estejam confinadas a uma elite pequena, é vitalmente importante que todas feministas as desenvolva. Fracasso em fazê-lo nos mantera na cilada dos jogos de poder da ideologia supremacista masculina

Como evitar Hostilidade Horizontal

Por 'evitar hostilidade horizontal', eu não quero dizer encontrar maneiras de evitar ser submetida a isso, ou proteger alguém de ser submetida a isso. À medida de que ela não se origina comigo, não há nada que possa fazer para pará-la de acontecer. Se não é meu comportamento, a decisão de se engajar-se ou não nisto não é minha para fazer. Há, é claro, numerosas maneiras nas quais eu posso reagir uma vez que ela aconteceu, e essas maneiras podem ser mais ou menos apropriadas, mas ou menos deliberadas, mais ou menos empoderantes. Eu posso reagir com vergonha ou culpa, e permitir que isso me silencie; ou posso aceitar as coisas negativas ditas sobre alguém, sem pensar e sem perguntar por verificação e evidência. Ou podemos engajar em batalhas verbais que

podem terminar ou não em uma inimizade de longo termo e recusa em nunca mais falar-se uma com a outra novamente.

Alternativamente, a batalha deve limpar o ar e acabar com uma convencendo a outra, ou com um acordo em discordar. Ou pode ser legal, desapegado, respeitoso e razoável, requer que a outra dê suas razões pelo que ela está dizendo, e avalie as razões para o melhor da minha habilidade. Na ausência do que eu sentiria como razões adequadas, eu posso suspender julgamento a menos que haja suficiente evidência. Mas se a razão falha em convencer, nada mais vai funcionar sequer. Mas se eu não posso parar outras de serem hostis, eu posso recusar a engajar-me em hostilidade horizontal eu mesma. Eu posso tomar conta para não cair em padrões automáticos e impensados de dominação. Eu posso perguntar a mim mesma, como Julia Penelope diz, se eu realmente quis dizer o que eu disse. Eu posso perguntar eu mesma se o que eu digo é verdade. Eu posso peruntar quais são minhas motivações – Estou buscando apenas machucar, humilhar, e demolir, ou estou defendendo o que eu acredito, tentando esclarecer coisas, tentando ajustar o filme? Eu respeito a outra mesmo se eu discordo dela, mesmo se eu sei (ou eu penso que sei) que ela está errada?

Precisamos estar aptas para decidir o que é hostilidade horizontal e o que não é. Precisamos exercitar uma grande quantidade de cuidado em discernir comportamentos que podem ser justificadamente identificados como opressivos, abusivos ou dominantes, dos quais não são. O processo de discernição requer auto-conhecimento, uma habilidade de pensar problemas, e um certo grau de desapego dos sentimentos como raiva, humilhação e vingança. Também requer auto-respeito e respeito pelos demais. E isso requer a rejeição da violência, física ou verbal, e uma maneira de endereçar percebidos desbalanços de poder. A tarefa crucial neste contexto é desenvolver maneiras de decidir quando estamos justificadas em perceber outras mulheres como comportando-se opressivamente e quando elas não estão, e de discernir os métodos apropriados e inapropriados de lidar com aquele comportamento. Acima de tudo, envolve identificar supremacia masculina como o inimigo principal, e reconhecer que os valores e significados desta ordem social são o status quo a menos que estejamos conscientemente comprometidas na sua recusa.

* * *

[1] Usei o termo 'sororidade' embora a tradução direta pudesse ser 'irmandade' porque o termo sororidade está mais difundido e reconhecido pelas pessoas, equanto 'irmandade' pode ter outras conotações que não são tão agradáveis para a intenção do termo em inglês que é o reconhecimento das outras mulheres como companheiras ou a identificação entre mulheres.

[2] Traduzi como 'descarte' o termo 'trashing' que é usado também no texto da Jo Freeman "Trashing: the Ugly Side of Sisterhood" (Descarte: O lado feio da sororidade). Não tive imaginação suficiente para traduzir melhor que isso, seria algo como 'enlixamento' ou 'tornar em lixo', em espanhol talvez ficasse bem como 'enbasuramiento', mas o verbo 'to trash' seria algo como degradar, destruir mesmo, no seu uso mais corrente. Podia ser 'destruição: lado feio da sororidade' por exemplo. Não usei o termo 'dark side' (lado negro) por ser racista, optei por emprestar o conceito em espanhol de 'feio' pra designar algo que é ruim, negativo. Me parece melhor pensando que consensuar o feio não é possível já que o ponto estético de cada um parte de um ponto ético, assim que não vejo como estando a discriminar com base em padrões de beleza tampouco. Peço ajuda caso possam pensar um termo melhor para 'trashing' em inglês [Nota da tradutora].

Referencias

Hoagland, Sarah (1988) *Lesbian Ethics: Toward New Value* Palo Alto, CA: Institute of Lesbian Studies.

Kennedy, Florynce (1970) 'Institutionalized Oppression vs. the Female', in Morgan, R., ed. *Sisterhood Is Powerful* New York: Vintage Books/Random House

Penelope, Julia (1992) 'Do We Mean What We Say? Horizontal Hostility and the World We Would Create', in Penelope, J., *Call Me Lesbian: Lesbian Lives, Lesbian Theory* Freedom, CA: The Crossing Press

Ray, Vera (1991) 'An Investigation of Violence in Lesbian Dyadic Relationships' *Journal of Australian Lesbian Feminist Studies* 1(1), pp.40-48

Russ, Joanna (1985) 'Power and Helplessness in the Women's Movement', in Magic Mommas, *Trembling Sisters, Puritans and Perverts* Trumansburg, NY: The Crossing Press

Destruição: O lado feio da Sororidade

Jo Freeman, 1976.

O movimento de liberação das mulheres não foi somente pão e rosas. Este artigo explora o destrutivo fenômeno do 'trashing' (destruição): ataques pessoais a outras mulheres no movimento. Jo Freeman foi a editora de "A Voz do Movimento de Liberação das Mulheres", que foi o primeiro jornal nacional da liberação das mulheres. Ela também foi membro do Grupo Westside, um dos primeiros grupos de Liberação de mulheres dos EUA).

Este artigo foi escrito para a revista Ms. e publicado na edição de Abril de 1976, pg. 49-51, 92-98. Ele provocou mais cartas das leitoras que qualquer outro artigo previamente publicado na Ms., maior parte embora não todos contando suas próprias experiências de ter sofrido 'trashing'². Algumas delas foram publicadas na edição subsequente de Ms.

Faz bastante tempo desde que eu fui 'trashed'. Eu fui uma das primeiras no país, talvez a primeira em Chicago, a ter meu personagem, meu compromisso, e meu eu mesmo atacado de tal maneira pelo Movimento de mulheres que me deixou arrasada, em pedaços e incapaz de funcionar. Levou anos para que eu me recuperasse, e mesmo hoje as feridas não estão totalmente curadas. Desde então eu ando pelas margens do Movimento, ajudando porque eu preciso

fazê-lo, mas com muito medo para lançar ao meio dele outra vez. Eu sequer sei bem do que eu tenho medo. Eu sigo dizendo a mim mesma que não há razão por que aquilo poderia acontecer outra vez – se eu for cautelosa – mesmo assim no fundo da minha mente há uma certeza pervasiva, irracional que diz que se eu esticar meu pescoço pra fora, serei novamente um alvo aceso para a hostilidade.

Por anos eu vim escrevendo esta peça na minha cabeça, usualmente como uma fala para uma variedade de audiências imaginárias do Movimento de Mulheres. Mas eu nunca tinha pensado em expressar a mim mesma publicamente porque eu vim sendo uma firme crente de não lavar as roupas sujas do Movimento em público. Estou começando a mudar minha mente.³

2 'Trashing' pode ser traduzido como 'destruição' ou 'descarte', seria algo como 'tornar em lixo', 'destruir em pedacinhos'. Vou manter o termo original ao longo do texto porque acho mais interessante. Se 'Backlash' foi mantido acho que 'Trashing' também deveria pelo sentido em inglês ser mais interessante que a tradução em português, que acho não muito equivalente na ideia. (Nota da Tradução)

3 Me parece impressionante a similaridade com a questão da violência nas comunidades lésbicas entre lésbicas. Existe um silêncio duplo, que é de uma população já discriminada, ter que romper um segundo silêncio que depois de ser o da sexualidade, é o da violência, e há existido um silêncio sobre essa temática por medo

Antes que tudo, tantas das roupas sujas vem sendo publicamente expostas que eu duvido que o que eu tenha para revelar vá adicionar muito à pilha. Para aquelas mulheres que vem sendo ativas no Movimento, não é nem sequer uma revelação. Segundo, vim assistindo por anos com crescente consternação enquanto o Movimento conscientemente destrói qualquer pessoa nele que se destaque em qualquer maneira. Eu vim tendo antigas esperanças de que essa tendência auto-destrutiva poderia definir com tempo e experiência. Deste modo eu simpatizei com, apoiei, mas não falei sobre, as muitas mulheres cujos talentos foram perdidos para o Movimento porque suas tentativas de usá-los foram recebidos com hostilidade. Conversações com amigas em Boston, Los Angeles, e Berkeley que foram destruídas tão recentemente como 1975 me convenceram de que o Movimento não aprendeu de sua experiência não-examinada. Pelo contrário: o trashing foi tomando proporções epidêmicas. Talvez então, trazer isso pra fora do armário possa limpar o ar.

de prejudicar ainda mais um grupo marginalizado. Me parece que falar sobre violência entre feministas é também um tabu, por romper com os mitos e idealizações em torno as 'mulheres' e a 'sororidade', e boa parte das feministas se sentem atacadas por essas críticas e denúncias, e atacam aquelas que se pronunciam sobre esse tema, como se estivesse 'traíndo a causa' ou prejudicando um movimento que já é excessivamente criticado e marginado. Porém acho necessário falar sobre isso entre nós, não vejo como uma forma de 'difamar' o feminismo, senão de que se autocritique e cresça e se torne realmente um espaço 'sororário' e seguro. (N.T.).

Que seria o "trashing", este termo que expressa tanta coisa, embora explique tão pouco? Não é desacordo, não é conflito, não é oposição. Estes são fenômenos ordinariamente perfeitos que, quando engajados em mutualismo, honestidade, e não excessivamente, são necessários para manter um organismo ou organização saudável e ativa. "Trashing" é uma forma viciosamente particular de assassinato de caráter que equivale ao estupro psicológico. É manipulativo, desonesto e excessivo. É ocasionalmente disfarçado pela retórica do conflito honesto, ou encoberta por meio da negação de que qualquer desaprovação exista realmente. Mas não é algo feito para expôr desacordos ou resolver diferenças. É feito para depreciar e destruir.

Os meios variam. Trashing pode ser feito privadamente ou em uma situação de grupo; na cara de um ou por trás das costas; por meio de ostracismo ou denúncia pública. A agente do trashing pode dar a você falsos relatos de que (coisas horríveis) outr*s pensam de você; contar a suas amig*s histórias falsas do que você pensa del*s; interpretar qualquer coisa que você diga ou faça da forma mais negativa; projetar expectativas irrealísticas em você para que então quando você falhe em alcançá-las, você se torna um alvo 'legitimado' para a raiva; negar sua percepção da realidade; ou fingir que você não existe. Trashing pode ser até mesmo finamente velado pelas mais novas técnicas de grupo de criticismo/auto-criticismo, mediação, e terapia. Quaisquer que sejam os métodos usados, trashing envolve a violação da integridade de uma, uma declaração da invalidez de uma, e impugnação dos motivos de uma. Em efeito, o que é atacado não é as ações de uma, as ideias de uma, mas o Eu de uma. Este

ataque é realizado por meio de fazer sua vera existência é inimiga ao Movimento e que nada poderá mudar esta sorte de deixar de existir. Estes sentimentos são reforçados quando você é isolada de suas amigas assim que elas se tornam convencidas de que a associação delas com você é similarmente inimiga para o Movimento e para elas mesmas.

Qualquer apoio a você irá amaldiçoá-las.

Eventualmente todas suas colegas vão juntar-se ao coro da condenação que não pode ser silenciado, e você será reduzida a uma mera paródia do seu eu prévio. Levou três trashing para me convencer a cair fora. Finalmente, no fina de 1969, eu me senti psicologicamente estraçalhada ao ponto em que eu soube que não poderia seguir em frente. Até então eu interpretei minhas experiências como tendo haver com conflitos de personalidade ou desacordos políticos que eu poderia retificar com tempo e esforço. Mas quanto mais eu tentava, pior as coisas ficavam, até que eu finalmente fui forçada a encarar a realidade imcompreensível de que o problema não era o que eu tinha feito, mas o que eu era.

Isso foi comunicado tão sutilmente que eu nunca poderia conseguir qualquer pessoa com quem falar sobre isso. Não haviam grandes confrontações, apenas muitos pequenos desdêms. Cada um por si mesmo era insignificante; mas adicionados um ao outro eles eram como centenas de cortes com um chicote. Passo a passo eu era ostracizada: se um artigo coletivo era escrito, minhas tentativas de contribuir eram ignoradas; se eu escrevia um artigo, ninguém o leria; quando eu falasse em encontros, e então seguir a discussão como se eu não tivesse dito nada; datas de encontros eram mudadas sem que eu fosse avisada; quando era meu turno para coordenar um projeto de trabalho, ninguém iria ajudar; quando eu não recebia correspondências, e então descobria que meu nome não estava na lista de correios, me diziam apenas que eu estive buscando no lugar errado. Meu

grupo decidiu certa vez em juntar esforços de geração de fundos para enviar pessoas para uma conferência até que eu disse que gostaria de ir, e então foi decidido que todas pessoas estariam por sua própria conta (imparcialmente, uma membra me chamou mais tarde para contribuir com 5 dólares na minha tarifa, providenciou que eu não contasse a ninguém. Ela foi vítima de trashing alguns anos depois).

Minha resposta a isso foi o espanto. Eu senti como se eu estivesse perambulando de olhos tapados em um campo cheio de objetos cortantes e buracos profundos enquanto eu era assegurada de que eu poderia ver perfeitamente e que estava em um pasto liso e verde. Isso seria se eu tivesse inadvertidamente entrado em uma nova sociedade, uma operando por regras as quais eu não estivesse consciente, e não poderia saber. Quando eu tentei fazer meu(s) grupo(s) discutir o que eu pensava que estava acontecendo comigo, elas simplesmente negaram minha percepção da realidade dizendo que nada estava fora do comum, ou desmerecendo os incidentes como triviais (que individualmente eram). Uma mulher, em conversação privada por telefone, admitiu que eu estava sendo tratada de maneira muito ruim. Mas ela nunca me apoiou publicamente, ou admitiu francamente que isso ocorria porque ela temia fazê-lo por poder temer a aprovação de grupo. Ela também havia sofrido 'trashing' em um outro grupo.

Mês após mês a mensagem estava sendo martelada: saia, o Movimento estava dizendo: cai fora, caia fora! Um dia eu me encontrei a mim mesma confessando a minha colega de quarto que eu não acreditava que eu existia; que eu era um fragmento da minha própria imaginação. Foi aí que eu soube que era o momento de eu deixar.

Minha saída foi bem silenciosa. Eu falei a duas pessoas, e deixei de ir ao Centro de Mulheres. A resposta me convenceu de que eu tinha lido a mensagem corretamente. Ninguém chamou, ninguém me mandou qualquer correio, nenhuma reação surgiu dos rumores. Metade da minha vida foi anulada, e ninguém estava consciente disso senão eu mesma. Três meses depois uma palavra foi trazida de que eu tinha sido denunciada pela União da Liberação das Mulheres de Chicago, descoberto depois que eu deixei o Movimento, por eu ter permitido eu mesma ser citada em um artigo recente de notícias sem a permissão delas. Isso foi tudo.

A pior parte de tudo isso foi que eu realmente não sabia por que eu estava tão profundamente afetada. Eu tinha sobrevivido crescendo em um subúrbio bastante conservador, conformista, sexista, onde meu direito a minha própria identidade estava constantemente sob assalto. A necessidade de defender meu direito a ser eu mesma me fez mais dura, não miserável. Minha pele endurecida foi mais temperada pelas minhas experiências em outras organizações políticas e movimentos, onde eu aprendi a usar a retórica e a argumentação como armas na luta política, e como revelar conflitos de personalidade sendo mascarados como políticos. Tais conflitos eram usualmente articulados impessoalmente, como ataques às ideias de uma, e enquanto eles podem não ser produtivos, eles não eram tão destrutivos como aqueles que eu vi tempos depois no movimento feminista. Alguém pode re-pensar as ideias de uma como um resultado de terem sido atacadas. É muito mais difícil re-pensar a própria personalidade. Assassinato de caráter foi usado ocasionalmente, mas não era considerado legitimado, e logo foi limitado tanto em extensão como em efetividade. Enquanto as ações das pessoas contam mais que suas personalidades, tais ataques não deveriam tão

imediatamente resultar em isolamento. Quando eles foram empregados, apenas raramente entraram na pele de uma.

Mas o movimento feminista entrou na minha. Pela primeira vez na minha vida, eu me encontrei a mim mesma acreditando nas coisas horríveis que as pessoas estavam dizendo sobre mim. Quando eu fui tratada como merda, eu interpretei isso como significando de que eu era merda. Minha reação me enervou tanto quanto minha experiência. Ter sobrevivido assim incólume, por que eu poderia sucumbir agora? A resposta me tomou anos para chegar. E é uma pessoalmente dolorosa porque ela admite a vulnerabilidade que pensei que eu tinha escapado. Eu sobrevivi minha juventude porque eu nunca dei a nenhum grupo o direito a me julgar. Aquele direito eu havia reservado para mim mesma. Mas o Movimento me seduziu por sua doce promessa de sororidade. Clamou prover um céu das devastações de uma sociedade sexista; um lugar onde uma poderia ser compreendida. Foi a minha própria necessidade por feminismo e feministas que me fez vulnerável. Eu dei ao movimento o direito a me julgar porque eu acreditei nele. E quando ele me julgou como sem valor, eu aceitei esse julgamento.

Por pelo menos seis meses eu vivi em um tipo de desespero entorpecido, completamente internalizando minha falha como sendo uma pessoal. Em junho de 1970, eu me encontrei em Nova Iorque coincidentemente com várias feministas de quatro cidades distintas. Nos juntamos em uma noite por uma discussão geral sobre o estado do Movimento, e ao invés disso nos encontramos a nós mesmas discutindo o que aconteceu a nós. Tínhamos duas coisas em comum; todas tivemos amplas reputações no Movimento, e todas havíamos sofrido trashing.

Anselma Dell'Olio nos leu uma fala chamada “Divisidade e Auto-Destruição no Movimento de Mulheres” que ela recentemente havia dado no Congresso Para Unir Mulheres (sic) como um resultado de sua própria experiência com trashing.

“Eu aprendi... anos atrás de que as mulheres sempre estiveram divididas umas contra as outras, auto-destrutivas e preenchidas com fúria impotente. Eu pensei que o Movimento poderia mudar tudo isso. Eu nunca sonhei que eu poderia ver o dia em que essa fúria, mascarada como um radicalismo pseudo igualitário (seria usado dentro do Movimento para derrubar irmãs de maneira a puni-las... “eu estou me referindo... aos ataques pessoais, ambos declarados e insidiosos, aos quais as mulheres no Movimento que tiveram dolorosamente manejado qualquer degrau de sucesso foram submetidas. Estes ataques tomam diferentes formas. O maior comum e difundido é o assassinato do caráter: a tentativa de solapar e destruir a crença na integridade de uma indivíduo sob ataque. Outra forma é a 'purgação'. A tática última é isolar ela... “E quem elas atacam? Geralmente duas categorias... realizações ou ganhos de qualquer tipo poderiam ser vistos como o pior crime: ... faça qualquer coisa... que qualquer outra mulher secretamente ou do contrário sinta que ela pode também fazer – e... você estará sucetível a isso. Se então... você é assertiva, tem o que é geralmente descrito como uma 'personalidade forte/se você não se encaixar no estereótipo convencional de uma mulher 'feminina'... Está tudo acabado. 'Se você está na primeira categoria (a que possui realizações), você imediatamente é rotulada como uma oportunista, uma bruta mercenária, fazendo sua fama e fortuna em cima dos corpos mortos das irmãs sem egoísmo que estiveram enterrando suas habilidades e sacrificando suas ambições para a grande glória do Feminismo. Produtividade parece ser o maior crime – mas se você

tem a má sorte de ser visível e articulada, você também é acusada de ser poderosamente maligna, elitista, facista, e finalmente o pior epíteto de tudo: identificada com os homens. Aaaaarrggg!”.

Enquanto eu a ouvia, um grande sentimento de alívio desbordava sobre mim. Foi minha experiência que ela estava descrevendo. Se eu estava louca, ao menos eu não era a única a sentir isso. Nossa conversa continuou pela tarde afora. Quando fomos embora, nos apelidamos ironicamente de “refugiadas feministas” e concordamos em nos encontrar outra vez. Nunca o fizemos. Ao invés disso cada uma de nós caímos novamente em nosso próprio isolamento, e lidamos com o problema apenas no nível pessoal. O resultado foi que a maior parte das mulheres no encontro terminaram caindo fora como eu tinha feito. Duas terminaram no hospital com ataques de nervos. Embora todas seguiram como dedicadas feministas, nenhuma realmente contribuiu com seus talentos para o Movimento como elas poderiam. Embora nunca nos tenhamos visto outra vez, nossos números cresceram enquanto a doença da auto-destrutividade lentamente engolfou o Movimento.

Ao longo dos anos eu estive conversando com muitas mulheres que sofreram 'trashing'. Como um câncer, os ataques se espalharam desde aquelas que tinham reputações para aquelas que eram apenas fortes; daquelas que eram ativas para aquelas que meramente tinham ideias; daquelas que se destacavam como individualidades para aquelas que falhavam em conformar rápido o suficiente aos balanços e mudanças da linha que se modificava no momento. Com cada nova história, minha convicção cresceu

de que trashing não era um problema individual trazido por ações individuais; tampouco era o resultado de conflitos políticos entre aquelas que diferiam em ideias. Era uma doença social.

A doença foi ignorada por tanto tempo porque é frequentemente mascarada sob a *retórica da sororidade*. No meu próprio caso, a ética da sororidade preveniu o reconhecimento do meu ostracismo. Os novos valores do Movimento disseram que cada mulher era uma irmã, cada mulher era aceitável. Eu claramente não era. Ainda assim ninguém podia admitir que eu não era aceitável sem admitir que elas não estavam sendo irmãs. Era mais fácil negar a realidade da minha não-acceptabilidade. Com outros 'trashings', a sororidade tinha sido usada como uma faca ao invés de cobertura. Um modelo vago de comportamento sororário é estabelecido por meio de julgadoras anônimas que então condenam aquelas que não alcançam suas exigências. Enquanto o ideal for vago e utópico, ele nunca poderá ser atingido. Mas ele pode ser mudado com as circunstâncias para excluir aquelas que não são desejáveis como irmãs. Assim sendo, o adágio memorável de Ti-Grace Atkinson que dizia "A Sororidade é poderosa: ela mata irmãs" é reafirmada outra e outra vez.

Trashing não é apenas destrutiva para as indivíduos envolvidas: serve como uma arma realmente poderosa de controle social. As qualidades e estilos que são atacados se tornam exemplos que outras mulheres aprendem a não seguir — para que o mesmo destino não toque às demais. Isto não é uma característica peculiar ao Movimento de Mulheres, ou mesmo a mulheres. Os usos de pressões sociais para induzir a conformidade e intolerância as individualidades é endêmica na sociedade norte-americana. A questão relevante não é porque o Movimento exerce tais fortes

pressões para conformar a um modelo limitado, mas quê modelo que pressiona mulheres para que sejam conformadas a ele. Este modelo está vestido pela retórica da revolução e feminismo. Mas por baixo dele há algumas fortes ideias tradicionais sobre os papéis apropriados que as mulheres devem seguir. Eu observei que dois tipos diferentes de mulheres sofrem trashing. O primeiro é aquela descrita por Anselma Dell'Olio — a mulher com realizações e/ou assertiva, aquela a qual o epíteto "homem-identificada" é comumente aplicado. O tipo de mulher que sempre foi posta pra baixo em nossa sociedade pelos epítetos que variam desde "não muito dama" a "vadia castradora". A razão primária aí tem sido tão poucas "grandes mulheres _____" não é meramente que a grandeza tenha sido não-desenvolvida ou não-reconhecida, mas de que mulheres exibindo potencial por realizações são punidas por ambos homens e mulheres. O "medo do sucesso" é bastante racional quando uma sabe que as consequências do sucesso possam ser a hostilidade e as críticas.

Não apenas o Movimento falhou em superar essa socialização tradicional, mas algumas mulheres levaram isso a seus novos extremos. Fazer algo significativo, ser reconhecida, alcançar logros, é implicar que uma está "fazendo fama em cima da opressão das mulheres" ou que uma se crê melhor que outras mulheres. Embora poucas mulheres possam pensar isso, muitas permanecem quietas enquanto as outras vão mostrando suas garras. A jornada por 'falta de liderança' que o Movimento tanto preza se tornou mais frequentemente uma forma de arrebatar aquelas mulheres que mostram qualidades de liderança, mais que desenvolver tais qualidades naquelas que não a possuem. Muitas mulheres

que tiveram tentando dividir seus conhecimentos sofreram trashing porque assim assertavam que elas sabiam algo que outras não. O culto do Movimento ao igualitarismo é tão forte que se tornou confundido com nivelação. Mulheres que nos lembravam que não somos todas a mesma foram destruídas porque sua diferença é interpretada como significando que não somos todas iguais.

Conseqüentemente o Movimento fez as demandas erradas daquelas dentro dele que se destacavam. Pede por culpa e expiação ao invés de reconhecimento e responsabilidade. Mulheres que se beneficiaram pessoalmente da existência do Movimento devem a este mais que gratidão. Mas este débito não pode ser convocado por meio do trashing. Trashing apenas desencoraja outras mulheres de tentarem romper seus grilhões tradicionais.

O outro tipo de mulher comumente destruída é aquela que nunca poderia ser suspeita. Os valores do Movimento favorecem mulheres que são apoiadoras e auto-eclipsadas; aquelas que estão constantemente atendendo aos problemas pessoais de outras; a mulher que joga o papel de mãe muito bem. Ainda assim um número surpreendente de tais mulheres foram destruídas. Ironicamente sua habilidade mesma de performar esse papel é ressentido e cria uma imagem de poder que suas associadas acham ameaçador. Algumas mulheres mais velhas que conscientemente rejeitam o papel de mãe são exigidas jogá-lo para que possam 'cair bem' naquele contexto — e são destruídas caso rejeitem. Outras mulheres que voluntariamente jogam ele encontram suas expectativas de gênero que elas eventualmente não podem alcançar. Ninguém pode ser 'todas coisas para todas pessoas', então quando estas mulheres encontram a si mesmas tendo que dizer 'não' de modo a conservar um pouco do seu próprio tempo e

energia para si mesmas ou tendem ao negócio político do grupo, são percebidas como rejeitadoras e tratadas com raiva. Verdadeiras mães claramente podem suportar alguma raiva de suas crianças porque elas mantêm um alto grau de controle físico e financeiro sobre elas. Mesmo mães nas profissões de 'cuidado' ocupando papéis suplentes de mães possuem recursos com os quais controlar a raiva de seus clientes. Mas quando uma é uma 'mãe' para a companheira, isto já não é possível. Se as demandas se tornam irrealísticas, uma ou recua, ou é destruída.

O trashing de ambos grupos possui raízes em comum nos papéis tradicionais. Entre mulheres estes são dois papéis percebidos como permissíveis: a 'ajudante' e a 'ajudada'. Maior parte das mulheres são treinadas para atuar a um ou a outro em momentos distintos. A despeito dos grupos de auto-consciência e de um intenso escrutínio sobre nossa própria socialização, muitas de nós não tivemos liberado a nós mesmas de jogar esses papéis, ou de nossas expectativas de que outras o farão. Aquelas que desviam desses papéis — as bem sucedidas — são punidas por isso, assim como aquelas que falham em alcançar as expectativas dos grupos.

Embora apenas poucas mulheres atualmente se engagem em trashing, a culpa por permitir isso continuar recai sobre todas nós. Uma vez sob ataque, há muito pouco que uma mulher possa fazer para defender a si mesma porque ela estará por definição sempre errada. Mas há um bom negócio que aquelas que estão assistindo possa fazer para prevenir aquela de ser isolada e ultimamente destruída. Trashing apenas funciona bem quando suas vítimas estão sozinhas, porque a essência do trashing é isolar uma pessoa e

atribuir os problemas de grupo a ela. Ajuda de outras rachaduras esta fachada e priva a que promove trashing da sua audiência. Torna um descobrimento em uma luta. Muitos ataques foram prevenidos pela recusa em associar-se a deixar a si mesmas intimidadas em silêncio e medo de que poderiam ser as próximas. Outras atacantes foram forçadas a clarificar suas queixas ao ponto em que elas poderiam racionalmente lidar com isso.

Há, claramente, uma linha fina entre destruir e luta política, entre assassinato de caráter e objeções legítimas a comportamento indesejável. Discernir as diferenças leva esforços. Aqui há alguns ponteiros a seguir. Trashing envolve forte uso do verbo “ser” e apenas um uso muito breve do verbo “fazer”. É algo que uma é e não o que uma faz que é objetado, e essas objeções não podem ser facilmente fraseadas em termos de comportamentos específicos indesejáveis. Promotoras de trashing também tendem a usar substantivos e adjetivos de um leque vago e geral para expressar suas objeções a uma pessoa particular. Estes termos caregam uma conotação negativa, mas não realmente te dizem o que está errado. Isso é deixado à sua imaginação. Aquelas que sofrem trashing não podem nunca fazer nada direito. Porque elas são más, seus motivos são maus, e portanto suas ações são sempre más. Não há correção para erros passados, porque estes são percebidos como sintomas e não como equívocos.

O teste de acidez, porém, vem quando uma tenta defender a pessoa sob ataque, especialmente quando ela não está mais ali. Se tal defesa é tomada a sério, e alguma preocupação é expressada de que se escute todos os lados e juntar todas evidências, trashing provavelmente não está ocorrendo. Mas se sua defesa é desmerecida com um “Como você pode defender ela?”; se você se tornar amaldiçoada pela suspeita de

tentar tal defesa; se ela em fato é indefensável, você deve tomar um olhar mais próximo àquelas fazendo as acusações. Há mais coisa ocorrendo que um simples desacordo.

Enquanto o trashing foi se tornando mais prevalente, eu vim me tornando mais intrigada pela questão de por quê. O que há com o Movimento de Mulheres que apoia e mesmo encoraja a auto-destruição? Como podemos acionar o debate sobre encorajar as mulheres a desenvolver suas próprias potencialidades individuais e sobre as que esmagam aquelas entre nós que o fazem? Por que condenamos nossa sociedade sexista pelo dano que promove contra mulheres, e então condenamos aquelas mulheres que não parecem severamente danificadas por ela? Por que que a prática de auto-conscientização não nos conscientizou sobre o trashing?

A resposta óbvia é que a raiz de nossa opressão como mulheres, e do auto-ódio de grupo que resulta de sermos criadas para acreditarmos que mulheres não são merecedoras de muita coisa. Ainda assim tal resposta é muito fácil; obscurece o fato de que trashing não ocorre randomicamente. Não todas mulheres ou organizações de mulheres o fazem, ao menos não à mesma extensão. É muito mais prevalente entre aquelas que chamam a si mesmas radicais que entre aquelas que não; entre aquelas que põem acento em mudanças pessoais que entre aquelas que acentuam mudanças institucionais; entre aquelas que não podem ver vitórias que não sejam a da revolução que entre aquelas que conseguem se satisfazer com sucessos mais graduais; e entre aquelas em grupos com objetivos vagos que aquelas em grupos com objetivos mais concretos.

Eu duvido que haja qualquer explicação única para o trashing; é mais facilmente devido a combinações variadas de circunstâncias que não são sempre aparentes mesmo para aquelas que o estão experienciando. Mas das histórias que eu escutei, e dos grupos que eu observei, o que me impressionou mais é o quão tradicional é isso. Não há nada de novo sobre desencorajar mulheres de saírem do lugar pelo uso de manipulação psicológica. Esta é uma das coisas que veio colocando mulheres para baixo por anos; é uma coisa que feminismo foi suposto nos liberar. Ainda assim, ao invés de uma cultura alternativa com valores alternativos, nós criamos meios alternativos de reforçar os valores e cultura tradicionais. Apenas o nome mudou. Os resultados são os mesmos.

Enquanto as táticas são tradicionais, a virulência não o é. Eu nunca vi mulheres ficarem tão bravas com outras mulheres como elas ficam no Movimento. Em parte isso é porque nossas expectativas de outras feministas e do Movimento em geral são muito altas, e então difíceis de alcançar. Não aprendemos ainda a sermos realistas em nossas demandas sobre nossas irmãs e com nós mesmas. Isto é também porque outras feministas estão disponíveis como alvos para a fúria.

Fúria é o resultado lógico da opressão. Demanda um escape. Devido a maior parte das mulheres serem cercadas por homens de quem elas aprenderam que não é esperto atacar, sua fúria muitas vezes retorna para dentro. O Movimento está ensinando as mulheres a pararem este processo, mas em muitas instâncias não pode prover alvos alternativos. Enquanto os homens são distantes, e o “sistema” é muito grande e vago, a ‘irmã’ de uma está perto e a mão. Atacar outras feministas é fácil e os resultados podem ser mais rapidamente vistos que atacar instituições sociais

amorfas. Pessoas são machucadas; elas vão embora. Uma pode sentir uma sensação de poder que vem do ter feito 'alguma coisa'. Tentar mudar uma sociedade inteira é algo bastante lento, um processo frustrante cujos ganhos são incrementais, as recompensas difusas, e os reveses frequentes. Não é uma coincidência que o trashing ocorra mais seguidamente e mais viciosamente por aquelas feministas que vêem pequeno valor em mudanças pequenas, impessoais e então muitas vezes se encontram a si mesmas inaptas para agir contra aquelas instituições específicas.

A ênfase do Movimento no “o pessoal é político” tornou mais fácil para o trashing ocorrer. Começamos por derivar algumas de nossas ideias políticas de nossas análises de nossas vidas pessoais. Isto legitimou para muitas a ideia de que o Movimento poderia nos dizer que tipo de pessoa deveríamos ser, e por extensão que tipo de personalidades deveríamos ter. Enquanto nenhuma fronteira foi traçada para definir os limites de tais demandas, foi mais difícil impedir abusos. Muitos grupos procuraram remodelar as vidas e mentes de suas membras, e alguns destruíram aquelas que resistiram. Trashing é também uma maneira de atuar a competitividade que percorre nossa sociedade, mas de uma maneira que reflete os sentimentos de incompetência que as promotoras exibem. Ao invés de tentar provar que uma é melhor que qualquer outra, uma prova que outra pessoa é pior. Isto pode providenciar o mesmo sentido de superioridade que a competição tradicional promove, mas sem os mesmos riscos envolvidos. No máximo o objeto da ira de uma é colocada para a vergonha pública, no pior dos casos a posição de uma está segura dentro das mortalhas

da justa indignação. Francamente, se formos ter competição no Movimento, eu prefiro a do velho tipo. Tal competitividade tem seus custos, mas há também alguns benefícios coletivos das realizações que os competidores alcançam enquanto tentam desfazer as das demais. Com o trashing não há beneficiárias. No final tod* mund* perde.

Para apoiar as mulheres acusadas de subverter o Movimento ou de minar seus grupos toma coragem, enquanto isso requiere de nós esticar nossos pescoços pra fora dele. Mas os custos coletivos de permitir que o trashing siga assim tão longa e extensivamente como o temos hoje é enorme. Já perdemos neste momento algumas das mentes mais criativas e ativistas dedicadas no Movimento. Mais importante, desencorajamos muitas feministas de se destacarem,

por medo de que o fizessem poderiam ser também destruídas. Não logramos providenciar um ambiente suportivo para que todas desenvolvessem suas potencialidades individuais, ou no qual reunir forças para as batalhas com as instituições sexistas que precisamos confrontar dia a dia. Um movimento que um dia esteve rebentando de energia, entusiasmo e criatividade terminou atolado na sobrevivência básica – sobrevivência uma das demais. Não é o momento de pararmos de buscar inimigas entre a gente e começarmos a atacar o inimigo real lá fora?

Retirado de:

<http://www.uic.edu/orgs/cwuherstory/CWLUArchive/trashing.html>



Talvez dois dos grandes desafios que vive o feminismo ativista latinoamericano sejam:

1) Fazer um diálogo teórico e prático (compreendendo os dois como indissociáveis) entre feminismos/socialismos/marxismos/autonomia/estudos culturais e armar um bloco de feminismo ativista de esquerda⁴. Para isso se está pensando e tratando atualmente de amarrar diálogos cruzados como um projeto político.

2) Fazer uma auto-crítica radical a nosotras feministas.

É sobre este segundo ponto que se trata este texto.

A ferramenta proposta para esta auto-crítica radical é a ruptura com o politicamente correto entre as feministas. Que isso significa? Discutir os tabus entre as feministas, o que muitas pensamos mas não dizemos, o que nos impede de nos auto-criticar. Desta maneira, ficamos com a imagem de feministas super-poderosas que dão palestras, oficinas para outras mujeres (observar as relações de poder, as hierarquias), mas entre as feministas não se está discutindo a sério os problemas de nós mesmas. É preciso dizer o não-dito porque ele nos possibilitará ir mais além do nível do 'eu me quero, eu olho e conheço minha vagina, meus prazeres'. Reconhecer que nos conflituamos, que podemos sentir inveja de outras mulheres, que temos que lutar contra um machismo interno, não significa deixar de ser feminista, pode ser um grande passo para sermos mais libertárias pois esconder nossos problemas não nos está ajudando a avançar porque eles muitas vezes ficam no nível da auto-censura e o que não se mostra ao nível do discurso não existe e ao mesmo tempo não pode ser trabalhado. O novo do problema é que em teoria todas somos subversivas em potencial, isto é, teoricamente não temos razões para trabalhar em nós mesmas, dito de outro modo, estamos deixando para a teoria o que não podemos fazer na prática. No entanto, na prática sabemos que não é assim. É preciso voltar a re pensar-nos desde a prática cotidiana por exemplo, com a ajuda de uma prática-teórica que rompa o que nos impede de nos re-questionar.

Alguns tabus a serem re-pensados desde esta ferramenta:

1) Re-pensar o tema da misoginia entre ls feministas. É possível falar de misoginia

4 Não comparto com a ideia de reivindicar-se na esquerda como feminista, ou de feminismo seja algo de esquerda, ou com o esquerdismo em geral (N.T.)

entre mulheres, entre feministas ou a estamos confundindo com a competição?

2) Re-pensar o tema do ressentimento. Muitas feministas somos ressentidas com a vida, com os homens, com as outras mulheres. É necessário reconhecer e trabalhar o tema. Exemplo: que tão ressentida é a prática subversiva de uma lesbiana que não come banana porque sua forma é fálica? Que tão ressentidas somos as mulheres que não reconhecemos que gostamos ser penetradas?⁵

Quão ressentidas somos as feministas que tivemos diferenças ideológicas, nos consideramos inimigas e o feminismo um campo de batalha?

Que tão ressentidas somos as lesbianas com a ex-companheira que nos deixou por outra e sobretudo com esta outra?

3) Re-questionar o tema da vitimização. Paralelo a este discurso ressentido há o discurso de vítimas. Uma coisa é reconhecer que somos vítimas dos patriarcados, outra é que este fato nos impeça de atuar e se torne uma desculpa para a imobilidade.

Conheço lesbianas que sentem haver sido vítimas de ataques de outras e a queixa é constante, também conheço lesbianas feministas e heterofeministas que não tiveram nenhuma dúvida em devastar a suas detratoras até destruí-las e reduzi-las a nada e levar elas à imobilidade, é muito comum converter-nos em juízas que vigiam, sentenciam e castigam.

4) Questionar o tema da quase lesbo-ditadura. Está conectado ao tema da vitimização. Uma coisa é reconhecer que as lesbianas são minorias, são marginalizadas na sociedade, outra é o risco da reprodução de padrões de dominação com relação às bissexuais, transgeneros, heterossexuais. Tudo isso não impede de assinalar o papel fundamental das teóricas lesbianas no ativismo.

Apresenta riscos considerar o lesbianismo como uma minoria e não como uma postura política porque isso faz perder a dimensão da heterossexualidade como um regime obrigatório e compulsivo.

5) Re-questionar o tema do matriarcado. Quando se critica tão fortemente o patriarcado, muitas caímos no outro lado, isto é, no 'matriarcado'.⁶ O ativismo é também re-pensar a reprodução de padrões de dominação.

Acredito que o matriarcado nunca existiu e desejaria que não existisse como um sistema político de dominação. Creio na necessidade de recuperação de uma

5 Achei esse parágrafo bastante complicado, essas ideias são uma pressão falocêntrica cultural, individualizá-las como um tema de ressentimento chega a me parecer lesbofóbico, embora a autora seja lesbiana! E misógino também.

6 Espero que não seja como a ideia do 'femismo' o que a autora tá tentando esboçar. (N.T.)

cultura extraviada das mulheres, incluída a filiação materna, os saberes e histórias narradas de mães a filhas.

6) Re-questionar o tema da solidão. Talvez esteja muito associado à vivência do ressentimento, às dificuldades de ser feminista em América Latina. Um exemplo: estar pensando sobre estas idéias na rua e de repente um homem vem e passa a mão no teu traseiro como se ele fosse um móvel. Ali você não teve classe social, nem etnia, nem idade, nem orientação sexual. Você foi uma mulher sozinha com um traseiro.

Gostaria de falar sobre a solidão do ativismo não hegemônico, não institucional, não reconhecido, nem premiado, nem valorado na excelência, na necessidade de criar formas alternativas de socialização para as lesbianas não necessariamente ligadas ao consumo e o álcool, como dizia Karina, organizar diárias de campo, comidas coletivas, etc. onde poder trocar, dialogar, conhecer-nos.

7) Questionar o tema da auto-estima. Partir da idéia que temos constantemente que trabalhar nossa auto-estima, nenhuma está terminada, parar de ser a feminista-modelo, isso quer dizer, a feminista-perfeita que chegou ao nível inalcançável. Somos seres humanos, nos sentimos sim inferiores (é preciso voltar a utilizar a palavra, somente porque lutamos contra os essencialismos, os não-binarismos não significa que na prática deixamos de projetar-nos como inferiores, superiores). A questão da inveja e do machismo interiorizado contra outras mulheres entraria também tanto no tema da misoginia como no da auto-estima.

8) Re-questionar o tema da egolatria entre as feministas. Pensar seriamente como o problema do ego se associa ao ativismo. O ego que nos faz falar somente para nós mesmas, em uma endogamia extrema num círculo de iniciadas. Além disso, o ego como a busca do reconhecimento. O desafio é ser mais coletivas sem terminar por apagar a sujeita. Como ser individuais sem ser individualistas, ególatras? Há uma linha muito tênue entre a liberdade, a autoria e o individualismo extremo. As feministas anarquistas nos ensinam muitas vezes que o anonimato em nome de um coletivo pode ser um caminho interessante. Porém, no anonimato extremo se leva à impossibilidade de se fazer ativismo. Qual é a fronteira entre eles? Talvez uma boa medida é atuar pondo sempre ambos em tensão.

O tema da auto-estima e o ego são temas sérios a trabalhar, se bem seja necessário ter uma auto-estima, é difícil contra-pesar o equilíbrio, muitas vezes os egos malogram o trabalho de anos, quando antepomos a primeira pessoa não somente ao expressar-nos, escrever, pensar ou atuar. Eu que falo, meu nome que aparece, minha figura que destaca, minha sombra que brilha, eu que trabalhei, que mereço figurar, que mereço as bolsas, que mereço os prêmios, os louros, que mereço a

liderança, assim, primeiro eu. Um pouco de humildade não viria mal, um pouco de grupalidade ou comunidade, colaboraria ao coletivo.

9) Re-questionar as diferenças generacionais. Está relacionado muitas vezes ao ego de ativistas com uma larga trajetória. Reconhecer o problema não é eliminar a importância, a memória destas ativistas e não é pensar que as jovens ativistas estão inventando moda.

Também me parece importante porque quem estamos na docência sabemos que aprendemos muito das estudantes, seus questionamentos e contribuições. Muitas feministas que não fomos as 'primeiras pioneiras' sentimos discriminação por não haver estado antes ou não haver chegado a tempo ao clube das jurássicas.

10) Re-questionar a discussão sobre o poliamor/monogamia/poligamia. Reconhecer e analisar, por exemplo, quão subversivo é o poliamor, quão ideal é; um ideal em este sentido muito similar à monogamia. Muitas não estamos discutindo a reprodução de padrões muito patriarcais no poliamor e de fortíssimas relações de poder porque acreditamos que estamos salvas no título e no estatus de poliamorosas e não pensamos em discutir a fundo tudo isso.

Creio que ao não ser justamente o poliamor um valor social aceito, tem muitos anti-corpos e não acho que seja a salvação das contradições da monogamia. Ao estar imersas em uma sociedade com valores tão arraigados, aquelas que nos atrevemos a sair das regras da monogamia, entramos em um terreno sumamente pantanoso e cheio de contradições, onde seguramente o exercício do poder não está ausente como não o está na monogamia e não o está precisamente porque nosso adestramento e domesticação à monogamia é milenar, de tal maneira que nossos sentimentos e reações estão inevitavelmente condicionados pelo apego e a propriedade. É possível que quem haja logrado uma maior prática em desapego e os limites, seja vista e julgada como mais 'poderosa' . Há muito que trabalhar a este respeito porque a simples comunicação dos códigos do poliamor são difíceis de encarar quando não existiu nunca uma prática poliamorosa ou uma vontade alérgica (anti-ego) "não posso suportar não ser o centro de sua atenção" ou primam os medos a não poder competir contra a terceira, quando na realidade não deveria ser uma relação de competição, senão de soma de corpos, afetos e vontades.

11) Re-questionar o tema da prostituição. A contradição de que a luta entre a prostituição como uma luta feminista haja possibilitado a marginalização ainda mais forte das prostitutas. Além disso, é necessário reconhecer que muitas feministas em sua vida sexual gostam de ser tratadas como prostitutas.

É um tema complicado onde creio que seja importante discutir os limites da liberdade como auto-determinação, quer dizer, quanta liberdade tiveram estas mulheres para escolher o que são ou quanto de marginação social marginou a tais decisões e o que isso implica ao estabelecer relações de opressão e dominação com seus "cafetões" e seus clientes.⁷

12) Re-questionar a intolerância à outras mulheres que se dizem não-feministas. É preciso trabalhar a dificuldade de reconhecer que muitas mulheres não têm a opção de ser feministas, mas que existem as que por opção não querem ser.

Creio que seja mais um tema de informação, porque é difícil optar por algo que não conheces e muitas vezes nos encontramos com anti-feministas que não têm idéia do que significa feminismo e que implicou na história das mulheres e por tanto na história delas mesmas.

13) Re-questionar o tema do culto ao corpo. Em teoria nenhuma feminista vive o conflito de fazer dieta, da bulimia, da anorexia, porém o tema está presente porque também vivemos os bombardeios de como devemos ser, como devemos nos vestir, como devemos atuar.

É certo, o dever-ser, está muito relacionado às regras do mercado e do consumo e há muitas feministas que não questionaram ainda como esta relação nos converte em sujeitos colonizados.

14) Re-questionar os pontos de fuga. É preciso reconhecer que a muitas não lhes vai interessar este debate. O melhor sentido deste não-interesse é que elas serão o ponto de fuga nele. O ponto de fuga é muito interessante principalmente porque pode ser não-arrogante, quer dizer, o ponto de fuga é a indiferença politizada porque a indiferença arrogante não interessa. Neste sentido reconhecer os pontos de fuga é estar atentas para a dissidência e a possibilidade prática da diversidade de vozes no ativismo feminista e de que existem posturas totalmente respeitáveis, porém não são elas que se deseja seguir.

Fuga do tema

15) Re-questionar o tema da academia no ativismo. É preciso fazer uma crítica radical à cooptação do discurso ativista pela academia, porém a proposta é tentar não cair no dogmatismo de ser a ativista-pura. Porque deste modo, voltamos ao mesmo problema das dicotomias autônomas/institucionais. Assim como não existe pureza na autonomia nem na institucionalidade, tampouco o há no ativismo.

7 Não tenho acordo com essa interpretação da prostituição que não passa da reprodução de mitos patriarcais sobre a mesma, discursos produzidos desde o sistema proxeneta, novamente individualização da questão.

Na experiência de algumas, fazemos ativismo feminista não-hegemônico dentro da academia, isto quer dizer, geramos reflexão, crítica e questionamento às próprias categorias que o feminismo tornou ferramentas de poder.

16) Re-questionar o tema da ética. A autocrítica dói, não é fácil. Se defende a luta contra assinalamentos porque se crê que ninguém pode ser salva, não há feministas-puras e a busca desta pureza é um dogmatismo, tem haver também com esta egolatria anteriormente questionada e em vários casos não é a experiência de contradições (ser autônoma e trabalhar em uma universidade, por exemplo) é simplesmente uma opção pessoal. Como evitar assim o risco do relativismo? Se ninguém pode ser salva, se ninguém pode escapar, como romper com o relativismo que impossibilita a crítica? Se acredita que a ética no ativismo poderia ajudar nisto.

Nos re-questionar estes tabus não significa que encontraremos respostas para eles. Talvez muitas ativistas em particular têm melhor resolvido alguns pontos e outras não, se pensa que fica evidente que a posição aqui presente não vai por este caminho. Muitas vezes não vamos ter respostas e/ou os tabus não podem ser resolvidos, no entanto as perguntas, as inquietudes têm que estar constantemente presentes. Além disso é crucial estarmos abertas às dinâmicas dos novos-velhos tabus neste tipo de ativismo auto-crítico que se deseja fazer.

Ciudad de México, 23 de julho de 2009



guia de assemblearismo para feministas esquentadas

4 de abril de 2012 às 06:07

de: <http://confabulando.org/kk2011/index.php/Main/ReducaoDeDanos>

redução de danos

"rascunho rascunhíssimo: aqui pensando num roteiro de oficina de redução de danos: práticas cotidianas de violência entre nós e saídas menos danosas para todas.

perguntas detonadoras de debate / reflexão / conversa

you já sentiu medo de uma mulher?

you já provocou medo em outra mulher?

quando uma pessoa sente medo / se sente agredida / se sente intimidada por outra, em qual das duas está localizado o fator que desperta medo / o fator que fez com que uma se sentisse agredida ou intimidada? (podem ser três perguntas diferentes, cada vez com um dos termos: medo, agressão, intimidação, porque há sutilezas importantes entre eles)

you sabe demonstrar forçar?

you sabe quando alguém está demonstrando força?

quando alguém demonstra que pode usar força contra outra pessoa, é violência? é ameaça? ameaça é violência?

porque ter dúvida, se é tão óbvio? posturas corporais / atitudes / jeitos que significam agressividade / violência

dinâmica em que duas mulheres simulam formas diferentes de dizer diferentes coisas, na frente das outras mulheres que assistem e sinalizam levantando uma ou outra cor ou alguma coisa que dê intensidade (tipo algo com som), alguma coisa que cada uma das que estão assistindo possam fazer para sinalizar se houve ou não houve agressão. acho que serve para mostrar como o entendimento sobre o que é uma postura agressiva ou violenta é muito compartilhado e pouco subjetivo.

pensei em algo com apitos! uma dupla faz a performance, as que assistem cada uma têm um apito e apitam mais ou menos fraco sinalizando se na performance viram mais ou menos agressão. acho que o efeitos dos apitos pode ser bem interessante, tanto porque remete ao uso mesmo do apito como estratégia de autodefesa já usada em outros lugares (recife!!! por exemplo) tanto porque é possível gerar intensidade, apito fraquinho, apito fortão e é algo discreto então não dá pra dar aquela 'roubadinha' olhando pra amiga do

lado pra ver se ela achou agressivo ou não.

interrupções bruscas e repetidas com a mesma palavra ou pergunta e levantando a voz: "não foi assim" "não foi assim" "não foi assim";

desqualificar a pessoa invés de fazer oposição a um argumento ou idéia: "desde quando você sabe disso?" "você não tem noção do que tá falando" "você não sabe como foi" invés de "mas olha, na verdade foi assim assim assado..." ou "então, acho que você entendeu errado, porque foi isso isso e isso" ou ainda "eu não concordo com você, por isso por isso e por isso"

levantar a voz em geral;

estufar o peito e se aproximar bruscamente (o famoso "crescer pra cima" rerere é ridículo, mas é isso mesmo que rola!)

as frases podem ser do tipo "estou muito chateada com você", "não gostei do que você fez", "não concordo com o que você disse", "não

saídas dignas pra atitudes equivocadas: porque é tão difícil reconhecer / admitir? / se desculpar?

que danos internos e externos as agressividades geram? (por exemplo: as amigas nunca dizem o que realmente pensam para você porque têm medo)

essa lista poderia ser pensada coletivamente durante a oficina, ou então apresentada feita de antes, pensei até que seria legal fazer uma "pré-oficina" invés de "oficina". uma oficina de construir essa oficina"



SEGREDOS, CHANTAGEMS E RUMORES... OS PRECONCEITOS

Margarita Pisano

Os preconceitos são território das culturas essencialistas, baseadas nas ideias inamovíveis do domínio e da superioridade. Se herdamos de geração em geração e se instalamos, falseando a História.

Os preconceitos são juízos envasados, estabelecidos por esta machocultura. Sua função é não nos permitir pensar nem elaborar ideias próprias e nos apartar de nossas capacidades de liberdade.

Os preconceitos são leis implícitas de fronteiras obscuras, difíceis de detectar; linhas de fogo intransitáveis nas quais se dispara a quem queira sair-se do sistema para mantê-lo inerte e 'crente' em seus costumes e idéias.

O sistema trama com os preconceitos sua teia de aranha, atrapando as possibilidades reais de construir uma civilização outra⁸.

A cultura vigente conta com um 'aparato de propaganda': museus, bibliotecas, igrejas, monumentos, ruínas, ciências, cultura... "Consuma masculinidade-feminilidade!".

Os preconceitos se aninham no ódio histórico contra as mulheres (misoginia).

Os segredos, chantagens* e rumores estão baseados nos preconceitos, aninhados no sentido comum instalado de todas as pessoas e seu 'orgulho'.

Os segredos, chantagens e rumores se temem, porque te difamam, te deixam no ostracismo... te suicidam. Sem existência prévia dos preconceitos não seria possível a chantagem nem o rumor. Os preconceitos são chantagens sociais que 'servem' aos poderosos e seus interesses (com nomes e sobrenomes).

Os grupos de privilegiados formam as instituições como mecanismos de poder para manter seus privilégios e preconceitos. O resto de seus integrantes são cúmplices e crentes ambiciosos.

O rumor não possui defesa: é maligno, amébio, e especialmente, pós-moderno.

Tão submergidas estão as pessoas nesta cultura que seus discursos quase

⁸ Margarita Pisano fala muito da civilização, me parece acreditar na dualidade natureza x cultura, fala inclusive em um 'projeto lésbico civilizatório'. Acho que a civilização no meu conceito, é uma criação do Patriarcado, concomitante a ele, baseado na dualidade com a Natureza, e algo que deve ser destruído para poder destruir o Poder mesmo e o autoritarismo e o sexismo, me parecem se fundar simultaneamente com a civilização e a domesticação humana, animal e natural, embora não acredite no constructo de Natureza e na ideia de Natureza que teorias primitivistas e feminismos eco que beiram o essencialismo parecem reproduzir, trazendo também alguns estereótipos culturais sobre a feminilidade novamente num lugar de essência e idealizado, reproduzindo no final a ideologia da feminilidade (ou 'ideologia do gênero') [Nota da Tradutora].

não se distinguem entre si. O contorno entre uns e outros se perde: é o preconceito do des-preconceito.

O controle da sexualidade e dos corpos se baseia em silêncios, rumores e chantagens. O preconceito não é somente um problema individual. É sustentado por conjuntos de seres humanos e suas relações de poder.

Preconceitos famosos e algumas intervenções:

“Os pobres são pobres porque são vagabundos”

“Os ricos são ricos porque são trabalhadores, inteligentes e responsáveis”.

“Os do 'norte' – EUA e Europa – são poderosos porque são trabalhadores” (não será por roubar ao terceiro mundo?).

“Os europeus são o ápice da cultura” (um ápice racista, classista, sexista, sadomasoquista? O ápice da arrogância).

“Os mapuches⁹ são vagais... todos”.

“As mulheres nos realizamos com a maternidade... todas”.

“Os pais amam a seus filhos”.

“Os filhos amam a seus pais”.

“Esta sociedade ama as crianças”.

“Os homens são como crianças” (dizem as mulheres).

“O lar é sagrado” (O lar é o primeiro território da violência).

“Temos uma parte masculina e outra feminina”.

“A feminilidade das mulheres é parte de sua natureza”.

“O feminismo é o machismo das mulheres” (o contrário de machismo é mulherismo¹⁰).

[...]

Margarita Pisano

Setembro de 2004

(*) Segundo o dicionário de María Moliner, chantagem é um procedimento para conseguir alguma coisa que se quer de uma pessoa, ameaçando ela, particularmente com a difamação, caso não se aceda a aquilo que se deseja.

9 Etnia indígena do sul do Chile, que possuem larga luta independentista contra o Estado Chileno.

10 Não acho necessário operar nesta lógica de 'qual seria o contrário do machismo'. Mulherismo é um nome reivindicado pelos feminismos negros para correr-se do feminismo brancocêntrico, tampouco acho bom usar para nomear uma lógica misógina e falsa de argumentação.

"HÁ DUPLAS E TRIPLAS VIOLÊNCIAS NESTE FENÔMENO:

1. AQUELAS QUE ACETAM OS RUMORES COMO VERDADES E CONDENAM – ISOLAM – MALTRATAM, SEM TOMAR A MOLÉSTIA DE UM MÍNIMO DE GESTO DE EMPATIA PARA PERGUNTAR QUE É QUE PASSA REALMENTE. SE BASTAM COM O RUMOR E DESTRUEM.

2. QUEM DIFUNDEM O RUMOR QUE ESCUTARAM. É UMA FORMA TAMBÉM DE VIOLENTAR, USAR, DISTORCER INFORMAÇÃO QUE SE REFIRA A OUTRES SEM VERIFICÁ-LA OU COM PRAZER CONCRETO POR REPARTÍ-LA.

3. QUEM FEZ CORRER A RODA DE VIOLÊNCIA DIFAMATÓRIA FICA DESPREOCCUPADA, HAVENDO SUJADO-MARCADO À OUTRA PESSOA E APRENDENDO QUE PODE FAZÊ-LO CADA VEZ QUE QUER FERIR-DESTRUIR IMPUNEMENTE.

QUEM PADECE O RUMOR, QUE AS VEZES TARDA EM SE INTERAR, MAS QUE VIVE AS CONSEQUÊNCIAS DE IMEDIATO, E FICA COM UMA ESPÉCIE DE CICATRIZ INJUSTA E DIFÍCIL DE APAGAR."

(PATRICIA KARINA VERGARA)

"Prestar ouvidos aos rumores, esta aprendizagem que devemos desaprender. É mais fácil difamar que elogiar, é mais fácil isolar que unir, formar opinião sobre o que não se viveu, enquanto isso se siguem vivendo situações de violência ao redor de separatismos, ser donas de uma

'verdade' que nada tem haver com a construção da sororidade, que nada tem haver com a solução de um problema, se é que existe um problema. O secretismo e os rumores, são práticas creio desde meu humilde lugar, que se criticam dentro da 'família nuclear' que queremos romper ou isolar dela, mas seguimos reproduzindo no âmbito que dizemos que queremos construir...

(Pensamiento Violeta y Negra)"

"Difamações e comportamentos destrutivos são formas de violência, precisam começar a ser visibilizadas como tais, possuem caráter político. Ostracismo de companheiras, mentiras, exagerações e exposição pública. São difíceis de

visibilizar e desmascarar como violência que são, justamente porque aparecem no lugar da vitimização. Quem perpetra essas práticas o faz porque por meio disso se identifica com o poder masculino, se coloca em um lugar de superioridade moral e de juiz. Maltratar eleva a auto-estima de quem não possui identidade própria. Se protegem por este meio do que desconhecem e é ameaçante, de pessoas que possuem opinião ou forte sentido ético”...

(Comentários de amigas sobre o texto de Pisano).



11 (Comentário meu numa discussão, baseada na minha experiência com difamações, e no por que de eu achar que fui alvo de exclusão. Esses comentários foram retirados de uma discussão após a postagem de partes deste texto em uma rede social).

Como avacalhar

terça feira, 15 de novembro de 2007

Porque você ainda vai, provavelmente, em algum ponto da sua vida.

Uma vez que é provável que você vai foder tudo, de alguma maneira, em algum momento, por que não fazê-lo com graça e desembaraço?

Eu? – Eu acho que eu ‘avacalho’ diariamente.

Para mim, correntemente, minhas áreas principais de ‘avacalhamento’ são: Agir sobre outros seres de maneiras que eu não desejaria que atuassem com relação a mim, não manter ou aderir aos meus próprios princípios, não praticar o que eu ‘prego’, não praticar o que falo, etc.... oh, apenas uma centena de coisas distintas.

Manter-se consciente e consistente pode ser uma senhora tarefa às vezes.

De qualquer maneira, eu realmente quero me manter consciente e eu quero ser consistente com meus próprios princípios e éticas. Para mim, essa é a definição de integridade pessoal.

Se seus objetivos/valores/éticas/princípios na vida são diferentes dos meus, eu não tenho nenhum problema com isso, honestamente.

Ainda assim, estou achando que, mesmo se seus objetivos, princípios, e padrões éticos diferem dos meus, é provável que você vai ‘avacalhar’ com sua própria coisa agora e denovo.

É sobre isso que este escrito fala. ‘Como avacalhar’, e como limpar sua merda quando você ferra.

Eu tenho uma pequena ferramenta que eu chamo “RPR.A” (eu aprendi isso de um@ professor@ absolutamente fantástico@) e isso me ajudou a atravessar inúmeros ‘avacalhares’ em minha vida.

Quando você ferra (seja se a avacalhação é menor ou maior), pratique os "RPR.A:

Reconhecimento

Pedido de Desculpas

Reparo

Ação

1. Reconhecimento: isso é realmente importante, porque se você não concluir o que você fez, e como isso foi ‘fudido’, há uma alta

probabilidade de que você vá fazê-lo denovo – uma probabilidade bem grande.

2. Pedido de Desculpas: é algo também bem importante, mas é preciso que seja genuíno (o que requerere #1 – Reconhecimento). Dizer coisas como “Eu peço desculpas se você se sentiu mal com o que eu disse/escrevi” ou “Eu peço desculpas se feri seus sentimentos”, é completamente diferente de dizer “Eu peço desculpas por ter escrito/dito aquilo. Eu vejo como isso foi fodido”. (tenha em mente que ‘se’ é uma palavra reservada para hipóteses, e não se refere usualmente à vida real. Quando é usada como desculpa, ‘se’ é usualmente apenas um dilutivo, e se você não pode se desculpar de verdade, então nem chegue a pedir desculpas. Uma espécie de ética de sovacamento).

3. Reparação: as vezes energia é requerida para atualmente pensar sobre como você avacalhou e fazer um reconhecimento e pedido de desculpas honesto não é suficiente para retornar o balanceamento para a situação (depende do tipo de avacalhão, ainda assim). Em alguns casos, ‘reparar’ pode também significar retornar dinheiro/energia/tempo que sua merda criou para alguém. Isso pode ser feito em qualquer uma das numerosas saídas criativas. Exemplo: se eu me ponho todx defensivx em uma discussão, de maneira que essa discussão tomou oito horas ao invés de 30 minutos, apenas considere dar à pessoa com quem você se tornou todx defensivx 8 horas do seu próprio tempo para fazer a elas algo que elas poderiam ter feito se você não estivesse todx prepotente sendo uma merda defensiva (não que eu não tenha nunca feito isso... não, isso nunca aconteceu comigo... OK, talvez só daquela vez.... OK – Droga! Estou totalmente queimadx aqui....)

4. Ação – Este pode ser o mais importante dos itens. Se você sabe que você fez algo que foi errado, e você expressou que você está genuinamente sentidx de que você tenha feito algo fodido, então realmente, a única evidência concreta disso será que você vai mudar o que você fará no futuro. Para mim, se eu não tomar esse passo (ação), as outras três anteriores terão sido apenas manipulação.

Se você tá pensando, “Ora, se #4 é tão importante, e é realmente a coisa

crítica, por que importar-se com as outras três?”. Apenas acredite em mim nisso e tente os passos 1-3 em tempo real. Eu descobri que eles eram incríveis, quando combinados com o passo 4. Não há nada... nada! ... que derreta meu coração mais que um reconhecimento de coração, pedido de desculpas, e oferecer-se para reparar isso.

Não apenas isso, mas tomar os passos #1-#3 antes de mover-se ao passo #4 atualmente tende a fazer o passo #4 mais fácil para mim. Se eu sei que a outra pessoa agora sabe que eu sei que eu mandei cagada, e que eu me senti mal sobre isso, e que se eu sei que minhas cagadas tem consequências (assim como as reparações que eu fiz), de algum modo tomar uma ação diferente se torna tão mais... qual era a palavra que eu estava buscando?... motivacional?

Se você está pensando o que estimulou este escrito – não, eu não especialmente mandei uma cagada hoje (não de que eu esteja ciente) – (embora seja mais certo que eu haja feito cagadas de algum modo hoje) – (está bem – mais certo que, provavelmente) – (ok, mais que provável, quase certo).

Eu estou bem com isso. Eu não me importo tanto de fazer cagadas quando eu sei o caminho para voltar ao estado de graça.

Meu pai que era um professor de escola secundária antes dele se retirar, costumava dizer: “Se você vai tocar mal uma nota, ao menos a toque mal com gosto, desta maneira alguém vai notar e te dar a oportunidade de corrigir isso”.

<http://portlytruestories.blogspot.co.nz/2007/11/how-to-fuck-up.html>



DICAS PARA CONSTRUIR A SORORIDADE

(tradução e adaptação livre do que seria algo como 'dicas para construir sororidade na vila' em um relatório de sobreviventes do intercâmbio sexual)

- * Empoderamento: quando uma irmã controla sua própria vida e toma responsabilidade por suas próprias decisões.
- * Solidariedade de irmãs: As irmãs devem ter umas às outras mostrando apoio umas às outras e sendo aliadas umas das outras por meio de empoderar umas às outras a serem fortes e independentes.
- * Páre com o 'ela disse que ela disse...' (a fofoca).
- * Escute suas irmãs. Não rotule suas irmãs.
- * Fale abertamente e não-julgamentalmente. Lembre-se de manter os segredos de sua irmã.
- * Manifeste-se e tome liderança não deixe os garotos te guiarem.
- * Rebele-se contra mensagens que tomamos sobre garotas no bairro.
- * Pense antes de falar. O que você tem a dizer pode machucar a alguém.
- * Questione o (a) (e) odiador (a) (e). Não espalhe o ódio.
- * "Deixe o drama pra mamãe"[x] . Tódes lidam com o drama. Vamos cortar o drama ao meio mostrando solidariedade ao não chamar nossas irmãs como Vadias e Piranhas.
- * Respeite a cada uma e mantenha os segredos de suas manas. Manifeste-se contra os julgamentos feitos sobre uma mana. PÁRE. ESCUTE. FALE. E vamos tomar passos para cuidar nossa sororidade e solidariedade mantendo-nos leais a nossas irmãs.

[x] (uma expressão que significa aquela galera que fica reclamando de tudo sem fazer nada a respeito. Fonte: urban dictionary.

retirado de <http://ywepchicago.files.wordpress.com/2011/06/girls-do-what-they-have-to-do-to-survive-a-study-of-resilience-and-resistance.pdf>

**CONTATO: apoiamutua@riseup.net
apoiamutua.milharal.net**



**Heretica
ediceas
lesbefeministas
independentes**